

A INFLUÊNCIA DE ORLANDO RIBEIRO NO ENSINO SECUNDÁRIO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA*

Colóquio organizado por SÉRGIO CLAUDINO¹

Em 18 de Dezembro de 2004, assinalando o primeiro ano de inauguração da Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, realizou-se aí um colóquio que tinha por objectivo analisar a influência da obra do Professor Orlando Ribeiro no ensino secundário de Geografia e de História². Os testemunhos foram muito marcados pelo fascínio que a sua figura e a sua obra despertaram nos intervenientes, tanto os que foram os seus discípulos directos como os que, sem o terem sido, não deixaram de o ter como referência. Do conjunto dos testemunhos ressaltam o brilho intelectual, a clareza didáctica, o fino humor e, em particular, a orientação que dava ao trabalho de campo. O carácter pessoal destas evocações mostrou a variedade das modalidades pelas quais a sua influência se manifestou, bem como algumas características de tempos idos, hoje bastante esquecidos.

Começa-se por recordar os testemunhos de três geógrafas que foram directamente alunas de Orlando Ribeiro. **Maria Helena Gualberto** foi professora do ensino básico e secundário, orientou estágios e foi autora de programas e de manuais escolares de Geografia. Foi também vice-directora do gabinete de Avaliação Educacional do Ministério da Educação. Deu um testemunho singelo e emocionado do humanismo e da solidariedade do Professor Orlando Ribeiro em relação a si própria, num momento de vida mais difícil. Foi a seu pedido que desenhou o conhecido *olho* que pontificava na sala de aulas, alusivo à observação directa, base da Geografia. Depois de uma fase de *purgatório* pós-25 de Abril, durante a qual esse desenho ficou bastante riscado, numa arrecadação, o famoso *olho* voltou a ter lugar de destaque, desta vez nas instalações do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa (fig. 1). Helena Gualberto salientou o especial interesse dos colóquios mensalmente realizados no Centro, à 5.^a feira, sob a orientação de Orlando Ribeiro. Eles permitiram-lhe, e a muitos outros, contactar

* Recebido: 10/09/2007. Revisto: 31/01/2008. Aceite: 05/03/2008.

¹ Investigador do Centro de Estudos Geográficos e docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: sc@ceg.ul.pt

² Neste colóquio prestaram depoimentos Júlia Galego, Maria Helena Gualberto, Maria Helena Magro, Arinda Rodrigues, Énio Semedo e Adérito Nunes.

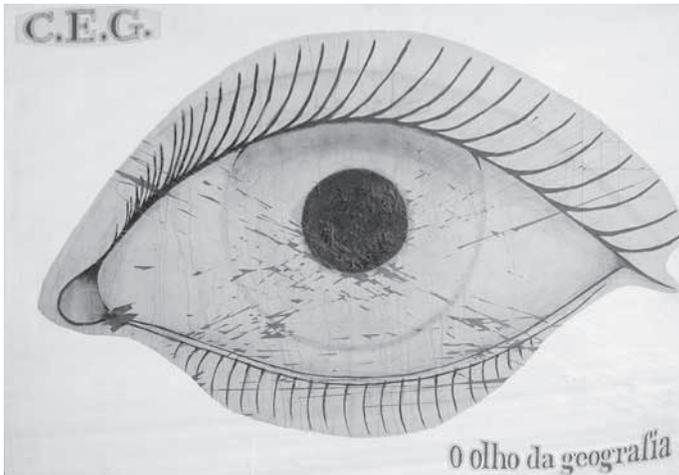


Fig. 1 – O “Olho da Geografia”.
 Instalado primeiro na sala de aulas, foi retirado em 1974,
 para voltar mais tarde, riscado e restaurado.

Fig. 1 – The “Eye of Geography”.

directamente com personalidades marcantes da vida e da cultura portuguesas. Sublinhou também as excelentes sínteses didácticas, que o Mestre fazia, no fim das intervenções dos vários convidados.

Maria Helena Magro foi professora de Geografia do ensino básico e secundário e é directora do Centro de Formação de Professores “Orlando Ribeiro”, da Associação de Professores de Geografia. Foi igualmente aluna de Orlando Ribeiro mas o seu “encontro” com ele tinha sido bem mais precoce. A sua professora de Geografia do 6.º ano do Liceu tinha indicado *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, como bibliografia para além do manual. A jovem pediu à irmã que lho comprasse em Lisboa, porque não existiam na província livrarias com obras científicas. O livro estava infelizmente esgotado e ela comprou-lhe, em substituição, *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, acabado de publicar pela Fundação Calouste Gulbenkian. A leitura deste livro revelou-se um pouco difícil, dada a complexidade de relações e de cruzamentos civilizacionais que aborda. Mas este *Mediterrâneo*, “mar entre montanhas”, reflectia bem o Mediterrâneo rural em que a jovem vivia na altura, luminoso e pobre, mas rico em tradição e diversidade.

Mais tarde, como aluna do curso de Geografia, conheceu pessoalmente o Professor, primeiro durante uma visita de estudo na Arrábida dirigida por Suzanne Daveau. Trocaram, então, algumas palavras e ela teve ocasião de apreciar na conversa o seu agudíssimo sentido de crítica e humor. Foi finalmente aluna de Orlando Ribeiro, já nos últimos anos da sua carreira docente. Adorou ouvi-lo contar histórias de viagens, pessoas e acontecimentos, de forma tão viva que



Fig. 2 – Excursão no litoral, em Santa Cruz (Estremadura), em 1959.

Orlando Ribeiro ensinando alunos, discípulos e colegas.

Fig. 2 – An excursion with Orlando Ribeiro in 1959.

recorda ainda muitas das suas palavras e expressões. Mas aquilo de que mais gostou foi de o acompanhar nas visitas de estudo (fig. 2). Aí, no campo, era onde realmente aprendia a observar e interpretar a paisagem e a relacionar os acontecimentos. Ainda hoje, conta algumas destas histórias aos seus alunos e nunca deixa de os levar aos lugares onde esteve em trabalho de campo com ele – “se el tiempo lo permite e la autoridade no lo impide”, segundo a fórmula pela qual o Professor gostava de encabeçar os guiões de roteiros urbanos.

Júlia Galego foi professora de Geografia do ensino básico e secundário e directora de um centro de formação de professores. Foi também docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e colaboradora do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Mas deixemos contar, a ela própria, as suas relações com Orlando Ribeiro, *desde aluna a colaboradora*: “Conheci o Professor Orlando Ribeiro no ano lectivo de 1973/74, quando iniciei a frequência do 2.º ano do curso de Geografia. Nesse ano, o programa da cadeira de Geografia Humana I consistia no estudo comparado da Região Mediterrânea e da Ásia das Monções. Lembro-me das aulas começarem com o Professor a colocar um pequeno maço de folhas de formato A5 na secretária e a chamar-nos a atenção, como futuros professores, para a necessidade de uma

preparação prévia das aulas. Também nos esclareceu sobre o significado do enorme olho desenhado num painel que pontificava sobre a porta, ao lado do quadro, parecendo lançar sobre nós o seu olhar esverdeado (fig. 1). Disse-nos que estava lá para lembrar a importância que a observação tem para os geógrafos. Nesse ano, tive a possibilidade de começar a contactar com a sua obra. Os livros fundamentais para o estudo da região mediterrânea eram *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* e *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*. Eles prolongavam o fascínio que nos transmitia o seu discurso das aulas. Mas acontecimentos que alteraram a vida académica, a partir de Abril desse ano, impediram que o trabalho da cadeira chegasse ao fim.

Mais tarde, frequentei o seminário de Geografia Regional, orientado por ele. Na distribuição do trabalho, coube-me a análise da Península Ibérica na obra *Nouvelle Géographie Universelle* de Elisée Reclus (1876). Na sequência da apresentação deste trabalho, o Professor convidou-me para colaborar com ele. Foi assim que se iniciou, em 1977, a minha participação em actividades que iam desde a preparação, para edição, de textos inéditos ou dispersos em várias publicações, até à recolha de informação necessária para as investigações que tinha em curso. Graças a este trabalho, tive o privilégio de conhecer uma grande parte da sua obra e, sobretudo, de me aperceber das suas preocupações com a divulgação e o ensino da Geografia.

Inicialmente, a minha colaboração foi complementar da minha actividade de professora do ensino secundário. Em grande parte da sua vasta produção científica, Orlando Ribeiro aliou ao rigor próprio da investigação, uma escrita tão elegante, tão clara e acessível, que podia ser entendida por leigos em questões geográficas, contribuindo assim, de forma extraordinária, para a divulgação do conhecimento da Geografia. Para o ensino, muitas das suas obras foram e continuam a ser fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Diversos textos seus têm uma capacidade didáctica tão evidente, que têm sido incluídos em manuais de Geografia e de História para o ensino secundário. Já, em 1941, na altura em que inaugurava os seus dois anos de ensino na Universidade de Coimbra, tinha elaborado dois artigos sob o título “Orientações modernas da Geografia”, publicados em *Liceus de Portugal, Boletim da Acção Executiva do Ensino Liceal* e destinados a servir de apoio aos professores de Geografia dos liceus. O texto e as ilustrações eram um contributo importante para o aperfeiçoamento científico destes.

No ano lectivo de 1981/82, graças ao empenho e insistência do Professor junto do Ministro da Educação, foi autorizado o meu destacamento para o Departamento de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa. Mas este destacamento, concedido por dois anos, foi reduzido para um, por opção minha, devido às mudanças que se anunciavam no estatuto da carreira docente. Nos anos seguintes, entre 1983 e 1986, o Professor conseguiu, para mim e para a minha colega Maria do Rosário Paiva Raposo, a atribuição de bolsas a tempo parcial, pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, graças à amiga decisão do seu Director, o Prof. Fernando de Mello Moser.

Para a realização do trabalho, eram frequentes os encontros na casa de Vale de Lobos, para procurar os manuscritos arrumados em pastas e que precisavam

de ser dactilografados, para planear as tarefas e para discutir os aspectos que suscitavam dúvidas às duas colaboradoras. Os manuscritos eram, na sua maior parte, dactilografados pela D. Margarida Ribeiro, prima e secretária do Professor, há muito tempo habituada à, por vezes difícil, escrita dele. Mas eu própria me encarreguei de decifrar e dactilografar alguns.

A revisão de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* e a respectiva actualização, não deixou de ser um trabalho complicado. Porque era uma obra datada, que retratava Portugal numa determinada época: a década de 40 na 1.^a edição, e com actualizações da década de 60 nas 2.^a e 3.^a edições. Se, neste intervalo de tempo, as mudanças em Portugal não foram muito significativas, já o mesmo não se podia dizer quanto às duas décadas seguintes. Qualquer actualização de dados implicava uma reestruturação do texto, que o Professor ia pacientemente compondo e alterando. Ainda conversámos sobre a opção de deixar o texto exactamente como tinha saído nas últimas edições, sabendo-se que ele correspondia a uma imagem do passado. Mas decidiu-se, finalmente, actualizar todos os aspectos possíveis, com a consequente ampliação do texto. A 4.^a edição, revista, actualizada e aumentada, foi publicada, em 1986, pela Livraria Sá da Costa Editora.

Um desafio que julguei não poder ultrapassar, foi a preparação da 2.^a edição do *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, a partir da 3.^a edição da tradução italiana, de 1983 (*Il Mediterraneo. Ambiente e Tradizione*, Milano, Mursia), actualizada por Gaetano Ferro. Mas, com empenho e esforço, tornou-se possível a sua publicação em 1987, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Gostei particularmente da preparação dos textos integrados no *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão. São notáveis obras de síntese e de sistematização. No entanto, não podiam ser publicados em livro, com texto corrido e sem parágrafos, como se apresentam no *Dicionário*. Um dos meus preferidos, “A Formação de Portugal”, constituiu o núcleo da obra com o mesmo título, publicada em 1987 pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Outros, igualmente notáveis, foram integrados em volumes dos *Opúsculos Geográficos* (1989-95).

O Professor Orlando aproveitava os intervalos entre as suas periódicas crises de saúde, para me orientar sobre os textos que deviam ser preparados para publicação e para estabelecer a sequência segundo a qual iam ser integrados nas obras programadas. Contudo, o trabalho final de compilação e de publicação teve de ser realizado pela Professora Suzanne Daveau. Desses anos de colaboração também resultou algum trabalho que realizei sob a sua orientação, fruto das sugestões que me foi fazendo sobre temas que também a ele lhe interessavam. Por exemplo, um projecto sobre Olivença, que foi sempre adiando, determinou uma das visitas mais interessante de que pude desfrutar. Foi por altura da Páscoa. O Professor resolveu acompanhar a nossa deslocação familiar a Campo Maior, para, a partir daí, fazermos uma viagem ao longo da fronteira. A visita foi tão marcante e inesquecível que, nas outras vezes que lá voltei, sempre me senti orientada pela sua metodologia de observação. Foi daí que resultou o pequeno trabalho que publiquei sobre “Olivença-Olivenza”, no *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, II, Lisboa, 1988.

Ele mostrou-me aspectos da vila de Campo Maior que eu desconhecia. Nalgumas ruas, nomeadamente na Rua Direita, as portas não davam acesso apenas a uma casa, mas a um conjunto de casas, às quais se acedia por um corredor desembocando num pátio, o que constituía a reminiscência de um passado judaico. Nos palacetes de inspiração espanhola dos mais abastados, toda a vida da casa se organizava à volta do pátio interior. O Professor entrava neste sem cerimónia, provocando certa vez os gritos assustados de uma empregada.

Na viagem por Espanha, mostrou-me Olivença, na altura uma terra pobre e com evidentes sinais de abandono. Talvez por isso, estavam ainda muito claros os vestígios da presença portuguesa. Em Jerez de los Caballeros, assistimos à procissão da Quinta-Feira Santa, notável encenação de um cortejo de soldados romanos acompanhando as imagens santas, próprias das celebrações religiosas deste dia. Em Zafra, pudemos admirar a Plaza Mayor e a Plaza Chica, esta acabada de ser restaurada, bem como todo o núcleo histórico da cidade. As memórias das conquistas espanholas nas Américas passaram pelas terras de origem de alguns dos homens que as lideraram e que estão imortalizados em estátuas, colocadas em lugares de destaque. Muitas dessas povoações ostentam ainda castelos alcandorados, alguns em bom estado, sinais da sua importância para a defesa deste território nos tempos medievais. Naquela altura, só era possível passar a fronteira legalmente, com passaporte. A partir de Encinasola tomámos a estrada para Barrancos. A ponte sobre a Ribeira de Murtega tinha uma cancela que impediria, teoricamente, a passagem para o outro lado. Não existindo qualquer vigilância, atravessamos a fronteira a pé, como era tradição das gentes das duas povoações que se “confrontam”.

Os três outros participantes no colóquio não foram directamente alunos de Orlando Ribeiro. Mas os seus testemunhos não têm, por isso, menos interesse. **Arinda Rodrigues**, licenciada em Ensino de Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é professora do ensino básico e secundário, e também autora de manuais escolares de Geografia muito divulgados. Testemunhou assim: “Gostei de ouvir os relatos dos que falaram antes de mim sobre o Professor Orlando Ribeiro, como homem, amigo, colega, professor. Sinto alguma inveja, pois não tive o privilégio de o conhecer pessoalmente mas apenas de forma indirecta, ainda que bastante cedo. A primeira vez que encontrei o nome de Orlando Ribeiro foi no meu manual de Português do 3.º ano de liceu (actual 7.º ano), num texto que me despertou a curiosidade, por se chamar “Biblioteca de Coimbra” e estar ilustrado com a fotografia de uma enorme escarpa de rochas que, efectivamente, davam a ideia de livros alinhados numa biblioteca. Guardei o nome do autor, plenamente convencida de que se tratava de um escritor e de uma obra de literatura – não andava longe da verdade! No Verão seguinte, o meu pai, a caminho da nossa terra, passou numa estrada junto ao rio Mondego, para que eu pudesse ver, ao vivo, a chamada “Livraria do Mondego”.

Mais tarde, na Universidade Católica, na cadeira de História da Cultura Portuguesa, voltei a “encontrar-me” com Orlando Ribeiro. Desta vez, a propósito

da identidade de Portugal: o que nasceu primeiro, o Estado ou a Nação? Será que somos uma nação? Não me recordo qual era a posição do professor sobre o assunto. Lembro-me, sim, de ter a curiosidade de saber então quem era este escritor, que aqui me parecia mais ligado à História do que à Literatura. Descobri que, afinal, era geógrafo! Porém, só dez anos mais tarde, quando entrei para o primeiro ano de Geografia, já adulta, vim a “conhecer” o professor, grande figura da Geografia portuguesa, com projecção internacional. Claro que li e consultei vários dos seus livros, ao longo do curso e depois dele. Mas, sobretudo, ouvi falar dele muitas vezes, ouvi inúmeras referências ao seu nome e, cá dentro, fui ficando contente por me ter “encontrado com ele tão cedo” e de nunca o ter esquecido”.

Énio Semedo, formado pela Universidade de Coimbra, foi professor do ensino secundário e colaborador da Universidade de Aveiro. Foi também orientador de estágio e autor de manuais escolares de Geografia. Era ainda aluno principiante de Geografia, na Universidade de Coimbra, quando adquiriu um exemplar da 2ª edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, a meias com a futura mulher. Dinheiro e livros eram então escassos, não havia fotocopiadoras e os alunos passavam horas a copiar os textos mais importantes para as cadeiras que estavam a preparar. Ele continua pensando que aquela síntese exemplar devia ser de leitura obrigatória para todos os portugueses cultos.

Apenas por três vezes lhe foi dado ouvir o Mestre de viva voz: nas provas de doutoramento de Pereira de Oliveira, onde encheu com a sua argúcia e o seu falar fluente a vetusta Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, durante o Segundo Colóquio Ibérico de Geografia, quando dirigiu a sessão de abertura, e numa visita guiada à Serra da Arrábida. Foi a única vez que esteve fisicamente próximo dele. Teria gostado de ter podido privar mais com ele, para sentir melhor os diversos e aliciantes aspectos da sua personalidade, aspectos que, no entanto, transparecem bastante em muitos dos seus textos memorialísticos. Énio Semedo contou ainda como gostava de abrir a primeira aula de cada turma, propondo aos alunos uma reflexão sobre um texto tratando do papel do professor e da autoria de Orlando Ribeiro. Dava também a comentar aos professores em estágio de formação, para os motivar a “percorrer os caminhos da inovação”, uma frase de Orlando Ribeiro: “Sempre pensei que a mediocridade é o pior defeito de um professor.”

Adérito Tavares foi professor de História dos ensinos básico e secundário. Autor de manuais escolares, é também docente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. O seu depoimento teve o interesse especial de fazer reviver o ambiente da Faculdade de Letras de Lisboa nos anos 1968-74, quando alguns grandes Mestres aí ensinavam, numa altura em que o ensino da História [e, aliás, também o da Geografia] estava sofrendo importantes e repetidas mutações metodológicas.

Testemunha assim Adérito Tavares: “Ensino e investigo História há mais de trinta anos e, como co-autor de manuais escolares, há vinte que partilho responsabilidades na transmissão do saber histórico. A utensilagem mental com que iniciei este caminho recebi-a na Faculdade de Letras de Lisboa, num tempo em

que se começava a ensinar uma História que já não era a mesma que se aprendia nas décadas anteriores. Durante séculos, fazer história significou falar de reis e de rainhas, de príncipes e de princesas, descrever casamentos, tratados, batalhas, assassinatos, conquistas, jogos diplomáticos. Não de todos os homens, mas daquilo a que Toynbee chamou a “minoria criadora”.

Com o dealbar do materialismo dialéctico, o papel do indivíduo na História foi progressivamente remetido para as notas de rodapé e as massas ocuparam o lugar central. A História política foi substituída pela História social e económica e, mais tarde, pela História das mentalidades. Foi sobretudo depois de aparecerem, em 1929, as *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, dirigidas por Marc Bloch e Lucien Febvre, que as ciências históricas descobriram novas fontes e novos temas. Fossem ou não marxistas, para além da evolução política, os historiadores passaram a interessar-se pelos grupos sociais, pelas suas mudanças e permanências; e pela vida material, o quotidiano, a alimentação, o vestuário. A *Nouvelle Histoire* descobriu a vida privada, a marginalidade social, o crime, a mendicidade, a vagabundagem, a prostituição; e passou a debruçar-se sobre a família, a criança, o amor e a morte. O estruturalismo entrou nos programas escolares de História e ainda de lá não saiu por completo. As crianças e os jovens deixaram de aprender nomes, datas, *petite histoire* e *faits divers*, para terem que distinguir a conjuntura económica e as suas variações cíclicas, a *longue durée*, os ciclos Kondratief, o papel das massas na tomada da Bastilha ou no assalto ao Palácio de Inverno. Subitamente, os manuais encheram-se de pedreiros, camponeses, soldados e marinheiros – as massas. Quase desapareceram os nomes dos reis e dos generais.

Em França, o modelo estruturalista foi posto em causa quando os políticos constataram que os jovens ignoravam figuras históricas nacionais de primeiro plano. A história político-militar regressou então em força e o indivíduo reocupou o lugar central na narrativa histórica, agora apresentada segundo uma irrepreensível sequência cronológica. A sincronia deu lugar à diacronia, a história servida em fatias foi substituída pela narrativa linear factológica. Em Portugal, como de costume, como no tempo de Eça de Queirós, “importamos a civilização mas fica-nos curta nas mangas”. Por isso, o ensino da História continua, nas nossas escolas básicas e secundárias, agarrado aos parâmetros que os franceses já abandonaram. À espera de mais uma reforma pedagógica. E o resultado espelha-se na ignorância confrangedora revelada nos concursos televisivos.

Vem isto a propósito do testemunho prometido. A formação que recebi, no final dos anos sessenta e começo da década de setenta, alicerçava-se naquilo que de melhor nos chegava em língua francesa: pontificava ainda a escola das *Annales* e a bibliografia estava recheada de nomes franceses. Depois, fui professor do ensino secundário e do ensino universitário. A água que me deram a beber na Faculdade não chegou, como é óbvio, para todo o caminho. Tive que procurar outras nascentes, que se revelaram umas de água pura e cristalina, outras de água turva e salobra. No entanto, sem as bases que recebi dos grandes Mestres que tive o privilégio de conhecer na Faculdade de Letras de Lisboa, eu seria seguramente outra pessoa.

Cheguei à Faculdade em tempos conturbados: 1968. Salazar acabara de cair da cadeira, Caetano prometera “renovação na continuidade” mas, pouco tempo depois, começámos a perceber que era apenas continuidade sem renovação. Nem por isso, deixei de me deslumbrar com as aulas dos grandes Mestres que, por esses anos, constituíam como que uma galáxia brilhante: Vitorino Nemésio, Manuel Antunes, Borges de Macedo, Lindley Cintra, David Mourão-Ferreira, Orlando Ribeiro... Uns eram professores de cadeiras curriculares do meu curso, outros leccionavam cadeiras que eu escolhia entre as de opção. Foram as aulas fascinantes de Nemésio – verdadeiras “charlas” semelhantes às do seu conhecido programa de televisão “Se bem me lembro...” – que me abriram horizontes culturais até aí insuspeitados; foram os espantosos dotes oratórios, a memória prodigiosa e as imensas capacidades de poliglota do Padre Manuel Antunes que me predispueram para o estudo aprofundado da cultura clássica; foram o rigor científico e a disciplina mental inculcados pelo Professor Borges de Macedo que balizaram todo o meu percurso académico; foi a verticalidade, o exemplo do Professor Lindley Cintra, em plena crise académica de 69, que mais profundamente marcou, em termos políticos e sociais, a minha personalidade juvenil.

Infelizmente, não me foi permitida a escolha de nenhuma cadeira leccionada pelo Professor Orlando Ribeiro, cuja aura de cientista geógrafo, antropólogo, historiador e eminentíssimo pedagogo era já por demais conhecida. Mas lia avidamente os seus livros, que contribuíram poderosamente para a minha formação académica e pedagógica. Ainda foi na Faculdade que li *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, obra chave para o conhecimento da identidade nacional e *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, outra obra-prima saída da sua pena. E ainda os seus estudos sobre a expansão portuguesa – que me abriram caminhos para novos saberes: para a Geografia, a Antropologia, a Etnologia, a Sociologia.”

O colóquio restringiu-se essencialmente à evocação das relações afectivas e intelectuais, que se estabeleceram entre o professor e os participantes.

Foi despoletada a discussão sobre a intervenção deste geógrafo na reforma impulsionada por Veiga Simão, faceta pouco conhecida da sua obra, que será evocada num colóquio posterior, organizado por aquele ministro e amigo. Quanto ao tema que tinha sido, à partida, a preocupação principal do organizador do colóquio – esclarecer em que medida a renovação da Geografia portuguesa por Orlando Ribeiro teve, ou não, reflexo nos programas do ensino secundário – ficou, na realidade, um pouco esquecido.

Com efeito, o Estatuto Liceal de 1947 e os programas aprovados na sua sequência, em 1948, perduraram até 1974. A influência reflectida de forma dominante foi, portanto, a de Amorim Girão, então figura tutelar da Geografia portuguesa. Os professores que, ao longo de dezenas de anos, constituíram o rosto da Geografia liceal como autores de manuais escolares e professores metodólogos, tinham sido discípulos do professor coimbrão, muito embora tenham sido influenciados também pela obra de Orlando Ribeiro. Assim, quando a obra deste atinge o apogeu nos anos 50 e 60, ela não foi transposta para o ensino liceal, como se poderia esperar, por ter sido em 1968 que ocorreu a única alteração

curricular significativa, pela criação do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. De resto, no ano seguinte, num artigo do *Diário de Lisboa*, publicado em 23 de Maio, sobre “O Ensino Elementar da Geografia”, Orlando Ribeiro confessava o seu desapontamento pelo ensino liceal de Geografia nos últimos 50 anos, julgando que ele estava a degradar-se e afirmando que “em vinte e oito anos de professor universitário, nunca fui consultado sobre qualquer assunto relativo ao ensino da Geografia nos liceus ou escolas técnicas”.

Depois do episódio de inovação pedagógico-didáctica pós-25 de Abril, foram aprovados, em 1978-79, novos programas de Geografia. E foi apenas nesta altura, quando o Professor Orlando Ribeiro se afastava já da vida académica activa, jubilando-se em 1981, que assumiram um claro protagonismo, como autores de programas, de manuais e como formadores de professores do ensino secundário, os discípulos de Orlando Ribeiro – ou as discípulas, se quisermos ser mais rigorosos. Transportam, então, para o ensino secundário um discurso bastante ruralista sobre o país, que foi ajustado às realidades dos anos 50 e 60, mas que se tornava crescentemente desfasado das novas realidades portuguesas. Parece, portanto, ter sempre existido um verdadeiro desencontro entre a obra de Orlando Ribeiro e a sua transposição para o ensino liceal. Mas o problema das relações entre os ensinos secundário e universitário é tão vasto e tão crucial, em Portugal, que bem merecerá outro estudo, mais aprofundado.